



CONVERSAS

COM O

DIVINO MESTRE

LUIZ ROBERTO MATTOS

Ofereço esta obra a todos aqueles que têm grande admiração por Jesus.

Agradecimento:

Agradeço àquele que me inspirou a escrever esta obra: Jesus.

“Cada um tem o mestre que merece, e com o qual se afina”.

O autor.

Prefácio

Oleone Coelho Fontes

Quando conheci Luiz Roberto Mattos, faz já mais de meia dúzia de anos, ele ainda era um escritor inédito. Algo me disse - o sexto sentido, refletamos - que aquela criatura magra (tão magra que parecia sempre de perfil), inteligente e narigudo, cuja sensibilidade se via exalar dos poros, tinha os originais de livro no fundo da gaveta. Tinha-o, com efeito e se chamava A Grande Revolução. Li os originais. Por razões que não vêm ao caso, até os dias que correm, o autor não decidiu editar.

Atrevo-me a declarar que minha amizade com Luiz Roberto Mattos teve, também, a função de piparote em sua vida de homem de letras. Tenho, desde então, batido na mesma tecla: escreve, escreva, não pare de escrever, você tem talento, imaginação, estilo, você é um criador nato, escrever é sua sina e missão. Seria uma pena que alguém com a capacidade narrativa e inovadora de Luiz Roberto empacasse a meio caminho das letras. Deste pecado ele não padecerá, já que agora está nos entregando uma terceira obra na área espiritualista, na qual é maior e admirável.

Surpreende-me a rapidez como escreve. Em questão de meses Luiz Roberto redige uma obra. Foi assim com Sana Khan - Um Mestre no Além. Foi assim com trabalho de igual título, o segundo tomo, no qual o autor trata de experiência fora do corpo. Pela ligeireza como começa e termina suas tramas, até parece que Luiz Roberto não cria, mas psicografa, isto é copia aquilo que lhe é mandado do além.

Sua terceira obra Escrevendo na Areia - Conversas com Jesus, não fugiu à regra. Em alguns meses o autor produziu, em pouco mais de uma centena de laudas, urdida na qual Jesus Cristo é o protagonista maior.

Jesus Cristo inspirando sempre. Fico cogitando sobre quantas obras, no campo da fantasia, foram escritas desde que o Rabi de Nazaré besuntou suas sandálias no pó deste astro sofrido. Certamente ultrapassa o patamar de milhares e milhares. Cristo é uma inspiração que não se esgota. Afinal seu grito, dado há dois mil anos, até hoje ecoa nos ouvidos dos pobres mortais e continuará ecoando, Deus permita.

No caso de Escrevendo na Areia, percebe-se que o autor é um infatigável estudioso do Novo Testamento, que ele mostra conhecer de trás para a frente e vice-versa. Sua estória é contada como se ele, Luiz Roberto, estivesse num púlpito, pregando. Sim, porque Beto (sou seu íntimo, por isso posso assim tratá-lo), escreve como quem fala, o que é mais complexo do que falar como quem escreve. A sentença de Pascal se encaixa direitinho nas observações de quem subscreve estas linhas. Diz Pascal ser “incomparavelmente mais fácil escrever de modo obscuro e complicado do que de modo simples e claro”.

Obrigado, Pascal, por me haver inspirado a fechar esta apresentação com um achado fraseológico brilhante. Obrigado, Beto por me conceder outra oportunidade de ocupar espaço numa composição artística de sua lavra, das quais me sinto tão próximo e participante.

Dezembro de 1998.

CAPÍTULO 1

Jesus passou a infância na aldeia de Nazaré, na Galiléia, como uma criança brincadeiras maltratava outras crianças ou animais. Demonstrou desde muito cedo uma imensa compaixão em relação a todos os seres vivos, e não suportava ver nenhum ser sofrendo.

Era sensível demais, intuitivo e perceptivo. Captava as coisas "no ar" com muita praticamente normal, no que diz respeito a brincadeiras e pureza de alma. Jamais em suas facilidade. Compreendia tudo rápida e facilmente, sem que precisassem explicar duas vezes. Atendia sua mãe e pai prontamente em tudo o que lhe pediam que fizessem.

Era comum os pais naquela época colocarem seus filhos homens para aprenderem a ler e escrever na sinagoga local, havendo um Ministro encarregado disso. E assim, Jesus muito cedo aprendeu a ler e escrever em aramaico, língua usada em Israel.

José, seu pai, era carpinteiro de respeito em Nazaré. Possuía muitos anos de prática, sendo bom profissional. Recebia muitas vezes pedidos e encomendas de regiões nem sempre próximas, e muitas vezes precisava viajar para fazer entregas. Possuía alguns jumentos para transportar as mesas, cadeiras, portas ou armários que fazia. E muitas vezes, quando viajava, levava Jesus consigo, para que desde cedo, a partir pelo menos dos dez anos, começasse a conhecer outros lugares e outras gentes. Com isso, Jesus pôde muito cedo travar conhecimento com pessoas judias e de outras religiões, podendo fazer comparações no seu modo de vida. Observava as semelhanças e diferenças entre as várias religiões, a rotina de cada um, os sonhos, as esperanças, os medos, os preconceitos, a revolta contra os romanos e muitas outras coisas.

Jesus muito cedo também começou a aprender o ofício de carpinteiro, o que era de se esperar, pois naquela época os filhos homens procuravam copiar os pais nos seus afazeres. Jesus então vivia na oficina do pai, que ficava ao lado de sua casa, inicialmente como aprendiz, e depois de rápidos anos começou a fazer os móveis sozinho. Aos dezesseis anos já era considerado um bom carpinteiro pelo povo de Nazaré, e às vezes viajava só, enquanto seu pai ficava na oficina.

Mas Jesus crescia em sabedoria e em amor, e começava a pensar que não ficaria a vida toda em Nazaré fazendo móveis. Não que ele achasse indigno o ofício de carpinteiro, não, não era isso; é que ele abria seus olhos e sua mente, e principalmente seu coração, cada vez mais, diante de tudo o que via, e sentia que tinha uma missão a desempenhar em Israel. Ele pressentia isso desde cedo, mas não tinha conhecimento do que exatamente seria.

Jesus não quis se casar, o que os jovens de seu tempo faziam normalmente aos dezesseis anos. Seu pai morreu quando ele era ainda muito jovem, e ele precisava sustentar a mãe e irmãos, pois era o irmão mais velho, o primogênito. Era cômico de suas responsabilidades e deveres, e não podia deixar sua mãe sem sustento, não havendo ninguém para assumir a oficina de seu pai. Precisava, no mínimo, esperar que seus irmãos crescessem e assumissem a oficina, para então poder começar a trabalhar em outro projeto, que era o de esclarecimento das almas de Israel.

Jesus, por viajar muito, sabia de tudo o que se passava na Galiléia e também na Judéia, além de ter algum conhecimento do que se passava em Roma, pois também fazia

móveis para os romanos que moravam na região, e fazia amizades indistintamente. Tinha contato freqüente com viajantes de outras regiões fora de Israel, que encontrava em caravanas pelas estradas. E isso lhe permitia saber sobre a religião, as práticas sociais e as esperanças de outros povos. Com isso, tinha uma ampla e crítica visão dos diversos povos que habitavam a Palestina e outros lugares mais distantes, como Síria, Fenícia, Egito e Babilônia.

Jesus não teve contato com João Batista até completar trinta anos de idade. Não havia até então sido batizado. Era um homem raro, sem defeitos e vícios. Nunca havia feito nem desejado o mal a quem quer que fosse. E estava sempre pronto a atender um pedido de ajuda, qualquer que fosse a natureza da ajuda, e não lhe importava a classe social, a religião ou o povo a que pertencesse a pessoa que o procurava. Era muitas vezes criticado por ajudar samaritanos, fariseus e até romanos. Ele não se importava com as críticas, e não deixava de atender as solicitações.

Ninguém nunca viu Jesus falando alto ou gritando antes de começar a pregar o que ele chamou de A Boa Nova do Reino, que depois chamaram de Evangelho, palavra grega. Nunca foi violento, nunca brigou, nunca revidou a um empurrão que fosse, dado por um amiguinho ainda pequeno em Nazaré. De nada reclamava.

Seus irmãos faziam chacota dele, por ser "tão mole", pois achavam que Jesus deveria revidar, e devolver o mal com o mal, a violência com a violência. Mas Jesus não conseguia, não sabia como fazer isso, pois sua natureza era diferente. Seu coração era brando e bondoso. A todos compreendia e perdoava sempre. Era compassivo e amoroso, e buscava sempre incentivar a reconciliação entre as pessoas de Nazaré que brigavam. Alguns diziam pelas costas: "Esse rapaz não é judeu, ele não existe. Em que mundo ele anda?".

Mas Jesus a cada ano crescia forte, tendo aos dezoito anos atingido a altura de um metro e oitenta e cinco centímetros. Era moreno claro, tinha os cabelos pretos lisos, compridos até os ombros, repartidos ao meio, costume da época em Nazaré. Tinha barba preta, de fios retos e compridos, mas não de tamanho exagerado. Não lhe chegava ao peito, nem lhe cobriam os lábios. Seus ombros e costas eram muito largos, devido aos exercícios diários na oficina de carpintaria, e suas pernas fortes em razão de muito caminhar pelas estradas. Tinha um porte físico que impunha respeito, quando não temor. E poucos ousariam ataca-lo desarmados, devido a sua força aparente. Não obstante, era extremamente pacífico.

A casa de Jesus sempre foi muito simples. Sua mãe, Maria, e também José, não gostavam de luxo nem ostentação, pois conviviam com muitos pobres na aldeia, e se sentiriam mal com o contraste. Levavam uma vida simples, com razoável conforto, e sem grandes ambições. E estavam sempre ajudando aos menos afortunados, o que ensinaram desde cedo a Jesus. Nazaré em seu tempo não tinha mais que mil e seiscentos habitantes.

Entre os vinte e cinco e os trinta anos, mais ou menos, Jesus começou a pensar em sair pregando, e já sentia que tinha uma missão. Mas somente alguns anos mais tarde ele teria a certeza de seu trabalho.

Vivia pensando sobre o ódio que os judeus tinham dos romanos; as diferenças e separações intransponíveis entre judeus e samaritanos, judeus e fariseus e muitas outras. E começava pouco a pouco a perceber que o ódio não levava a nada, mas apenas a mais ódio e violência. Via muitas vezes, quando ia a Jerusalém, pessoas crucificadas por terem se rebelado contra o dominador, e achava um desperdício de vida. Nunca se revoltou contra os impostos que pagava aos romanos, ainda que julgasse elevados, pois

a revolta em nada mudaria a situação. Sabia do poder de Roma, que poderia massacrar os judeus em pouco tempo. E via algum benefício feito pelos romanos aos judeus com parte do dinheiro dos impostos, como estradas, aquedutos, teatros, banhos públicos e outras coisas. Não via razão para se negar a pagar os tributos. Simplesmente aceitava.

Aos trinta anos Jesus chegava à idade madura, e já se preparava para sair de casa e pregar ao mundo ao redor. João Batista já pregava o fim dos tempos, a chegada do Reino, a vinda do Messias, que estaria próxima, e pedia penitência e arrependimento, jejum e oração. E as multidões o procuravam às margens do Rio Jordão, nas proximidades do Mar da Galiléia. Mas Jesus nunca o procurou, até o momento em que teve certeza de que ele, Jesus, era o Messias prometido por Deus e de que falava o profeta Isaías.

Jesus desde cedo queria sair falando sobre perdão e amor, sobre respeito e caridade, sobre união entre os povos, nações e religiões, mas somente quando João Batista apareceu e começou a falar do Reino de Deus e do fim dos tempos ele começou a sonhar sonhos estranhos, a ter visões, a ouvir vozes, tudo lhe indicando e afirmando sua missão. Antes do aparecimento de João Batista, Jesus já tinha há muitos anos visões e percepções de vários tipos, mas nunca contou a ninguém, pois decerto não seria compreendido. Só os profetas tinham visões sobre o futuro, viam acontecimentos distantes, sabiam o que iria acontecer adiante...

Quando Jesus soube de João Batista, ficou sabendo que a sua hora era chegada. Era a hora de dar início a suas pregações. Há anos vivia pensando em sair falando, e agora finalmente chegara o momento. Ele era o Messias esperado. E decidiu se revelar a Israel, começando naturalmente por Nazaré, sua terra natal, e a seus concidadãos. Era de se esperar que um homem começasse a sua missão na localidade onde se criara. E todos em Nazaré o respeitavam por sua bondade e caráter. Todos sabiam que o seu coração era puro, e que ele era uma alma nobre. Mas o que ele não esperava era a reação dos seus irmãos de aldeia diante da revelação de que o Messias viveu o tempo todo naquele lugarzinho perdido no coração de Israel, como um humilde carpinteiro, e no meio deles, sem se revelar. Os judeus sonhavam grande em relação ao Messias, e esperavam alguém nobre, mas esperavam outro tipo de nobreza, que não somente a de caráter. Como um carpinteiro poderia salvar o seu povo do jugo dos romanos?

Mas Jesus decidiu se anunciar. Seus irmãos assumiriam a oficina de carpintaria e poderiam já sustentar sua mãe e se virar sozinhos. Não havia mais nenhuma criança entre eles, e Jesus não conseguiu fazer muito por eles, em termos espirituais, porque eles não lhe davam crédito em suas pregações caseiras. Ninguém realmente é profeta em sua casa. Jesus sentiu duplamente essa verdade.